



## O filósofo grego Diógenes e o Caudilho de Maringué



Diógenes 'o cínico'. créditos via google images.



Grafismo.JK

Sr. Afonso Dlakhama ao centro em 1992, e à direita em 2012. Entre uma imagem e outra passaram-se 20 anos. Créditos da foto ao centro: 'Operações de Paz da ONU em Moçambique (ONUMOZ).' Foto à direita: *data venia* António Zefanias / D.Z.

**CRÓNICA I:** Conta a tradição que na antiga Grécia, séculos antes de Cristo, o ancião Diógenes de Sinope 'o cínico' andava de dia com uma lanterna acesa procurando um homem completo na sua dignidade e desprendido aos bens materiais. Em suma, incorruptível. Diógenes não encontrava esse homem. Ser honesto era um dos itens de aprovação (sobretudo se fosse orador político ou dirigente de instituições que Diógenes detestava).Uf...sujeito exigente demais, esse tal de Diógenes.

No fundo, ele, Diógenes, seria um cínico e anarca não sindicalista, passe a ironia. Diz-se que Diógenes acabaria se 'rendendo' a uma vida social cômoda depois de muitos baixos na sua vida de filósofo-mendigo, à beira da praia. Capturado por piratas seria vendido como escravo a um homem abastado, que verificando a sua inteligência promoveria Diógenes a gerir os seus bens e a educação dos filhos.

**O**ra bem...a nossa busca (cínica) é muito mais simples (será?!): Trata-se de equacionar certas atitudes de ressuscitar fantasmas da guerra numa região onde no passado guerreiros iNgunis do século XIX (1840?) conquistariam a Gorongosa sediando-se em Udengo - local onde está sepultado o iNkossi wa mankossi (rei) uMuzila pai de iGungunyani, futuro imperador de Gatsha (Gaza) entre os rios Zambeze e o Limpopo (1886-1895). Consta ter havido em Udengo no túmulo do imperador uMuzila, antigas cerimónias tradicionais de sangrentos muPá-xe-lho (1) [vertendo sangue de gente no chão] visando 'despertar' os xipocos-vampiros da guerra. Não será por acaso que dois dos indunas (chefes) de maior confiança de iGungunyani eram maNdao (vaNdao): Simango e Mutazabano que serviram antes o pai.

**S**altando no tempo, teríamos 'desde 15 outubro 2012' o líder da Renamo e seu *staff* de novo em Maringué - antiga "fortaleza" da guerrilha contra o regime da FreLiMo, de 1976 a 1992. Na altura apoiada logisticamente pelos então regimes do apartheid rodesiano e sul-africano bóer, e de elementos portugueses ultras, alguns, mercenários fugidos de Angola, todos inconformados com a independência de Moçambique "cedida" em Lusaca (1974) aos 'baNto' da FreLiMo, pelo vigente governo português pós 25 de Abril do mesmo ano.



À esquerda:  
Elementos arma-  
dos da ReNaMo.  
Foto in O Autarca  
nº 2441,  
30.10.12, pp. 1/2.  
«Passam hoje 15  
dias desde que  
Afonso Dhlakama  
fixou-se em  
Gorongosa -  
Cada vez mais  
péssimo ambien-  
te em Sofala»



Por outro lado, elementos armados da ReNaMo nunca seriam totalmente desarmados desde 1992, após a assinatura da Paz em Itália. Situações nunca clarificadas de sucessivos desassossegos em Sofala na região centro da Gorongosa, em Inhaminga, Cheringoma, e muito mais ao norte em Nampula. Nova situação emerge agora e de novo no antigo bastião em Maringué, Sofala. Assim se passaram vinte anos de uma paz mal parida. O descontentamento generalizado na capital de Moçambique, até que ponto favorecerá este clima de tensão belicista?

Só esperamos que o antigo chefe da guerrilha anti-governamental, Afonso Dhlakama, não fique ‘refém’ dos seus cabos de guerra em Maringué, por cobrança de promessas não cumpridas de hegemonia política de Moçambique. Uma Aliança do Centro de cariz cultural iNdao ou Chona de Moçambique (2). No entanto, para isso de cobranças de partilhas políticas e dos businesses já temos que baste com o presidente da República, General Armando Guebuza, com os seus reformados ‘falcões’ da Aliança do Norte e do novel empresariado do partido FreLiMo - rendidos ao decadente capitalismo, globalizado, a todo o custo. Que a luz da lucidez ilumine o concidadão Afonso Dhlakama e suas ‘perdizes.’ Se calhar há outros métodos melhores para prossecução dos fins desejados. Moçambique agradecerá. São nossos votos.

## CRÓNICA II



**ANTROPO-SOCIOLOGIA DA CULTURA** [MuPahlo na Gorongosa]

Consta ter havido em Udengo no túmulo do imperador uMuzila [pai de Mundu Ngazi vulgo iGungunyani], antigas cerimónias tradicionais de sangrentos ‘muPá-xe-lho’ (1) - verter de sangue humano no chão - visando despertar, em auxílio, os xipocos-vampiros da guerra. À esquerda foto (c.1900) de um feiticeiro muNdao / Chona, do tempo do imperador iGungunyani. Ao centro convocação popular chona com xipalapala (Google images). À direita, túmulo de 1859, do imperador Sochangana pai de uMuzila em Chaimite (Gaza). Túmulo semelhante ao de Udengo na Gorongosa (Sofala). Foto circa 1920. In ‘Moçambique-Feitiços, Cobras e Lagartos’ - obra de João Craveirinha /JK (2002), Lisboa: Texto Editora. 160 páginas. 2ª edição, pp. 84 / 88.

«Mangwani akanaka... Ndi Umuzila Nkossi ê man-kossi, ndino muka kumussoro...daVuka!!...Vuka, Mambo Dlakhama...Vuka!! Ehe... Aiwa (mussa) tamba ino ibzi - Ngazi ê Vahnu!!...Lyo i i...Zakanaka!»

[Bom-dia...eu uMuzila Rei dos chefes... despertei!... Acorda Chefe Dlakhama... Acorda!! Sim... Não brinquem com isso - Sangue de gente! Bem...é só isso!] (3)

A epígrafe em amarelo é uma tentativa feita pelo autor JK introduzida numa sua peça para teatro africano baseada na tradição de invocação de espíritos - mweya ou xikwembo (?) - no culto dos antepassados – ancestrolatria – que circulavam por Manica e Sofala e Zimbabwe na era dos iNgunis (século XIX) há mais de 150 anos.

---

[Nota: Em Ndola, na Zâmbia, JK o autor destas crónicas com 20 anos de idade, em Junho de 1967, assistiu como convidado especial um encontro de cerca de 200 ‘nhamessoros’ ou feiticeiros iNdao, numa reunião anual. Recolheu muita tradição oral].

### **Parentéticas (informação adicional):**

(1) MuPá-hlo: som inexistente em língua portuguesa. Pronuncia-se aproximadamente: muPá-xe-lho. Numa perspetiva da antropologia ou sociologia cultural, esta herança africana no Brasil ou Cuba chama-se ‘dar para o espírito do santo’ ao entornar-se a bebida fermentada ou líquido no chão. Há vários tipos de muPá-xe-lho incluindo com sangue de aves, de animais ou de gente para fins ainda de maior goécia ou feitiçaria para chamar os elementais e djins obrigando-os a servir os desígnios pretendidos. O pior será a cobrança posterior. Em termos psiquiátricos pode conduzir à loucura esquizoide. Consta que o rei bíblico Salomão, para aumentar o seu poder teria desenvolvido práticas de magia ritual.

Por outro lado, na tradição dos judeus e por ‘ordem divina’ a Abraão de Ur, esse ritual teria sido substituído pela circuncisão com sangue vertendo para a terra e no sacrifício de animais para consumo. Tem origem no momento em que Abraão ia sacrificar seu filho Isaac, para provar a sua fidelidade (de Abraão) a Jeová (Deus). Judeus e muçulmanos praticam ainda hoje esse ritual. Jesus Cristo também teria sido circuncidado como judeu que era. No fundo, e também, uma forma profilática de higiene. A OMS verificou que os homens circuncidados têm menos tendência a contrair DTS e AIDS devido a maior índice de queratina protetora pela recolha do prepúcio onde se concentra. Até um certo ponto potencia uma maior higiene íntima masculina. Óbvio que higiene pessoal e prevenção são fundamentais. Os nórdicos tinham essa prática da circuncisão desde a nascença, assim como alguns povos africanos antes da influência do islamismo.

(2) Em 1968, o antropólogo moçambicano Prof. Eduardo C. Mondlane (1920-1969) denominava aos iNdaos de ‘Chonas de Moçambique’ pela forte herança zimbabuana na formação genético-cultural do grupo moçambicano iNdao, de maioria em Manica com bolsas demográficas em Sofala, Inhambane, Gaza

e Maputo. Obviamente, com as grandes movimentações guerreiras do século XIX (19) vindas através do sul de Moçambique, os iNgunis (os grandes) criariam outras mestiçagens na região centro. Nesse contexto cultural o grupo Sena, muito mais antigo que todos, permaneceria um pouco à margem dos eventos pelas ligações históricas e genéticas com os prazos afro-luso-goeses do vale do Zambeze, dos dois lados do rio: Sofala, Tete e Zambézia. O Império de Gatsha (Gaza) foi contido aí.

A exemplo do idioma ronga da denominada cidade de Maputo, a utilização do idioma sena na cidade da Beira tem vindo a ser ‘minoritária’ sendo o xindao língua do poder político da ReNaMo. O paradigma histórico e recente é semelhante entre a hegemonia dos de Gaza e os de Manica: migração sobretudo de Gaza (e de todas partes) para ocuparem antiga cidade-capital dos rongas (kaMpfumo). Em Sofala, vindos sobretudo de Manica (e de outros lados) para ocupação da cidade-capital dos senas na Beira (Aruângua kuSena).

Por outro lado, os termos linguísticos são semelhantes: língua changana de Gaza na capital em Maputo, no sul, e língua ‘machangana’ da Beira, aliás xindao, importado de Manica, no centro. Uma espécie de limpeza étnica política, das línguas e culturas sena e ronga. A origem histórica é comum: tem raiz na vassalagem ao imperador Sochangana avô de Gungunhana de nome real em Chona/iNdao: Mundu Ngazi - pessoa de sangue real. O pai, uMuzila, está sepultado em Udengo, onde se diz ter sido local de ‘peregrinação’ da ReNaMo dos tempos da guerrilha entre 1976/1992 - reproduzindo inkwayas ingunis e danças guerreiras do makwaya. O resto é divisionismo cego sem base científica. Testes de ADN seguramente trariam muitas surpresas de posições políticas anti-familiares tendo em conta as profundas mestiçagens interétnicas na região centro de Moçambique, neste caso.

Os Dlakhamas, Dlalalas, Muhlangas, Mandlazes, Nkhomos, etc., também vieram em 1818 do sul, com os iNgunis (que são de origem remota Tembe). Fixaram-se em kaMpfumo (Maputso), Gaza, Inhambane e Manica e Sofala, Zimbabwe. O imperador Sochangana fixar-se-ia em 1840 (?) no Búzi (Sofala) e depois avançaria de novo para o sul onde morreu em 1859.

(3) Inspirado pelo autor do texto, num estilo xithopo de antiga canção laudatória Chona- iNdao, grupo baNto da região centro da África Austral: Moçambique e Zimbabwe.



### CRÓNICA III: «Matando as Nossas Línguas Lentamente»

A propósito do declínio do uso dos idiomas africanos na África Austral, leiam em baixo o texto em (inglês) intitulado: «**Killing our languages slowly**» (Matando as nossas línguas lentamente) - escrito pela **Dr<sup>a</sup> (PhD) Sekai Nzenza** do vizinho Zimbabwe. É mencionado o xiNdao de Moçambique, também,

como uma das línguas de Zimbabwe. Não é só em Moçambique que as línguas nacionais baNto correm o risco de um dia se extinguirem com o avanço da 'lusofonia' e da 'anglofonia.' Na realidade deviam coexistir a todos os níveis académicos, do ensino geral, na televisão, nos jornais e na publicidade. Consoante a região devia ser “obrigatório” no dia a dia, o uso das nossas línguas moçambicanas. O missionário e padre português Armando Ribeiro, em 1960, escreveu no então Caniçado, Gaza: “**A Língua é o Mais Límpido Espelho da Alma de um Povo.**” Qual será a ‘alma’ do moçambicano? **JK.**

## «Killing our languages slowly»



by **Sekai Nzenza**. Harare, Zimbabwe.

(Credits to) **The Herald** Online: Zimbabwe, Wednesday, 30 May 2012.

**I**N our desperate hunger to master the English language, we did not see the slow death of our mother tongues. Thirty two years after independence, we woke up one day to see our children talking in English to relatives and friends on Facebook but unable to speak Shona, Ndebele, Kalanga, Tonga, Ndau or any of our Zimbabwean languages. When our parents want to talk to these children, we step in to become translators of the English language to our parents and translators of the mother tongue to our children.

Translating languages this way is a difficult job and we are not doing it so well. At the same time, we are slowly killing the language of our mothers.

Soon after independence, we gave the children Shona and Ndebele names to celebrate our language and national identity.

But Tafadzwa, Tatenda, Tanaka, Tarumbidzwa, Takudzwa, Tadiwa, Tamuka, Tasimba, Tendai, Ruvimbo, Rutendo, Rudo and others do not speak Shona. Here is the scenario that replays itself over and over again when my nephew Tatenda visits the village to see his grandparents, Mbuya na Sekuru. His mother, Mai Tatenda begs him by saying, “Please, Tatenda, shake hands with Sekuru and please Tatenda, say makadii to Mbuya and please Tatenda, say maita basa and please Tatenda, take those ear phones out of your ears because Mbuya wants to say something to you.” And Mbuya says, “Wakadii Muzukuru? Inga makura nhai Soko veMbire, Mahomuhomu Makwiramiti.” Mai Tatenda turns to her son and says, “Mbuya is saying how you are and you have grown so much. And she also says something about your totem which is too hard to translate. Do not worry about it.” (...))»

**Texto completo no link:** [http://www.theherald.co.zw/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12742&Itemid=27](http://www.theherald.co.zw/index.php?option=com_content&view=article&id=12742&Itemid=27)